

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

12-1-1984

1984 Vol. 37: O Espírito de Deus impulsiona-nos á acção profé em favor da justiça (projecto das Novas Constituições)

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1984). 1984 Vol. 37: O Espírito de Deus impulsiona-nos á acção profé em favor da justiça (projecto das Novas Constituições). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/40>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

O Espírito de Deus impulsiona-nos à acção profética em favor da justiça

(Projecto das Novas Constituições, n. 5)

"Quando vieram prender os comunistas, calei-me porque eu não era um comunista;

Quando vieram prender os judeus, calei-me porque eu não era um judeu;

Quando vieram prender os trabalhsdores, calei-me porque eu não era um trabalhador;

Quando vieram prender os intelectuais, calei-me porque eu não era um intelectual;

Mas quando me vieram prender a mim, já não havia ninguém que pudesse falar".

Martin Niemöller

O grito dos sem-voz: testemunhos espiritanos

(Para proteger os confrades não damos os seus nomes)

"Voltava a casa de um posto do interior, e como de costume, trazia no carro algumas pessoas que pediam boleia. Entre elas uma boa cristã, que colaborava activamente na comunidade, na medida das suas possibilidades; era mãe de quatro filhos. Entrando em casa, via ainda, seguindo o estreito carreiro de terra batida, seguir para o seu destino. No dia seguinte fui chamado para lhe fazer o enterro. Tinha sido morta, a tiros de espingarda, porque, para encurtar o caminho, atravessara os terrenos de uma fazenda. Todos conheciam o assassino, mas ninguém tinha a coragem de o denunciar. Ela foi morta porque era preta; e todos tinham medo de acusar um branco. Eu também..."

"A minha paróquia é muito extensa e não podemos visitar as estações mais do que uma vez cada mês. Mas está bem organizada, havendo cada Domingo um ofício com celebração da Palavra e distribuição da Comunhão. Os chefes são escolhidos pela Comunidade, e depois de uma conveniente preparação, são empossados pelo Bispo, por dois anos. José era um destes Presidentes de Comunidade; Novo, dinâmico, casado, pai de dois filhos e esperando o terceiro. A Comunidade reunia-se à volta dele, não somente para a celebração religiosa, mas sempre que havia problemas, que para eles eram as dificuldades com o grande proprietário da região. As suas manadas de gado eram deixadas a vontade, e com frequência destruíam as plantações dos pequenos cultivadores. Os camponeses tentaram organizar a sua defesa, tendo à frente o Presidente da Comunidade. José foi pura e simplesmente assassinado, por pistoleiros a soldo. E deu-se a mesma explicação de sempre: José devia estar bêbado e atacou os pistoleiros. Ora toda a gente sabe que José nunca bebia álcool. Os pistoleiros continuam na fazenda do grande proprietário e nunca se fez processo nenhum! O pequeno grupo dos cultivadores não tem coragem para falar; alguns pensam mesmo abandonar aquela terra. E é • que deseja o grande proprietário para alargar a sua fazenda.... Isto não é um caso isolado; encontramos continuamente casos semelhantes de opressão, de fome, de morte violenta. Que fazer? Com a teologia apreendida na Europa não se consegue grande coisa. Não se pode consolar as pessoas, falando-lhes do mal como consequência do pecado. É uma fórmula abstrata, que serve só para quem não sofre o mal na sua carne. Mas aqui és tu que sofres, que és a vítima e conheces as causas do mal, sem poder fazer coisa nenhuma".

"Há duas semanas que regressei. É surpreendente como parece nova uma situação de que estivemos ausente por um breve espaço de tempo. A inflação é esmagadora; a gente pergunta-se como é possível que pessoas que recebem apenas o salário mínimo consigam sobreviver. Por brincadeira, fala-se de "milagre económico". Naturalmente, o dólar tem aqui a sua influência. É do conhecimento de todos que a nação não consegue pagar as dívidas. Mas porque não se declara a bancarrota? Não haveria mais ajudas externas, de certo, mas poder-se-ia pensar uma planificação clara e tomar decisões autónomas para o futuro....

Quando estava em férias, custava-me muito sentir como as pessoas me olhavam com receio. Mesmo quando falava do meu trabalho e situação, nem sempre era acreditado, nem dos meus familiares. Foi uma experiência muito dolorosa das minhas férias...."

"A atitude do mundo que não quer reconhecer quanto o nosso povo sofre, e isto porque esta guerra que nos foi imposta do exterior não poderá acabar, é quase criminosa. Não teremos nós nenhum direito à independência verdadeira, à autonomia, à liberdade, a dispor de nós mesmos? Não é do vosso dinheiro que precisamos, nem das vossas armas; • que precisamos é de paz. O que nos é preciso é a possibilidade de tomar nas nossas mãos o nosso destino, de decidirmos o nosso futuro. As grandes potências e seus satélites têm obrigação de tirar o nosso país deste naufrágio, desta auto-destruição. O nosso país é rico de recursos naturais e minerais. Somos capazes de prover à nossa subsistência e às nossas necessidades. É uma empresa criminosa que brada aos céus, esta guerra que nos é imposta pelas grandes potências e nos conduz à escravatura e ao aniquilamento Ajudai-nos a acabar com esta guerra..."

Paulo VI: O Programa

"Se queres a paz, procura a justiça"

O tema "Justiça e Paz", o apelo insistente da Igreja a todos os homens de boa vontade para que se comprometam a favor da justiça, são ainda muito novos, demasiado recentes, para ter penetrado a consciência de todos os confrades. Demasiado recentes também para ter já um lugar nos programas de formação teológica e da vida religiosa. Eis os principais acontecimentos referentes a este tema:

7 de Dezembro de 1965, último dia do Concílio Vaticano II, é promulgada a Constituição Pastoral "Gaudium et Spes". Esta Constituição anuncia uma mudança radical em relação ao ante-concílio. A antiga noção da "Igreja Povo de Deus" é reintegrada na teologia e a dicotomia da pastoral e do social é ultrapassada: o homem é considerado na totalidade do seu ser.

Janeiro de 1967. Paulo VI institui a Comissão Pontifical "Justiça e Paz", que recebe o mandato definitivo, em 1976. Na encíclica "Populorum Progressio", promulgada em 1967, o Papa indica o porquê desta Comissão: *"no desejo de responder ao voto do Concílio ... julgamos nosso dever criar esta Comissão Pontifical encarregada de suscitar no Povo de Deus o conhecimento pleno da função que os tempos de hoje reclamam dele, de modo a favorecer a justiça social entre as nações (n.5)"*. Nesta mesma encíclica, o Papa descreve claramente a ligação que existe entre a fé cristã e a responsabilidade para com o desenvolvimento dos povos.

Na sua Carta Apostólica "Octogesima Adveniens", dirigida ao Cardeal Roy, Presidente da Comissão Pontifical "Justiça e Paz", Paulo VI não deixa margem a dúvidas nenhuma: *"Os cristãos têm de colaborar activamente nas transformações sociais, políticas e económicas"*.

Em 1971, mais de 200 Bispos vindos de todas as nações reúnem-se em Roma, no Sínodo, para estudar, entre outras coisas, a justiça no mundo. *"A missão de pregar o Evangelho exige hoje o compromisso radical pela libertação integral do homem (Documento final do Sínodo)"*.

1975: A Exortação Apostólica "Evangelii Nuntiandi", no seguimento do Sínodo de 1974 consagrado à evangelização, dá especialmente aos missionários um mandato: a libertação de todo o homem faz parte integrante da Boa Nova.

Não é exagero dizer que a preocupação de justiça no mundo era uma preocupação central no ensinamento de Paulo VI. Ele soube integrar, com firmeza e coerência, a mentalidade nova do Vaticano II nas linhas directivas do seu Pontificado e tentou que os membros da Igreja tomassem consciência disso.

1980: O Capítulo Geral ocupa-se deste tema e reflete longamente sobre ele. As suas decisões vêm no documento "Justiça e Paz" (V. E. n.os 69 a 84): convidam todos os espiritanos a uma conversão radical e dão mandato ao Conselho Geral para considerar "a animação no campo da Justiça e Paz como fulcro principal do seu ministério" (V. E. n. 83).

As repercussões nas Igrejas Locais

Os Bispos da América Latina reuniram-se em 1969 em Medellin e depois, em 1979, em Puebla, para reflectir sobre a acção da Igreja. " A opção preferencial pelos pobres" foi a decisão central de Medellin, e constitui o primeiro passo para pôr em prática as decisões do Vaticano II no sub-continente americano. Em Puebla foi renovada e reforçada esta opção. Por isso Medellin foi para a América Latina um momento histórico, em que a Igreja, como tal, decidiu não ser mais a Igreja dos ricos. No meio destas multidões de pobres e de sem-direitos, ela fez-se porta-voz deles em favor da justiça política e económica reconhecendo-se ela mesma, publicamente, culpada de pecado e responsável dos males sociais e estruturais.

Na sua assembleia geral de 1981, em Yaoundé, os Bispos da Africa e Madagascar (SECAM), como resultado de seus trabalhos, enviam a todos os obreiros apostólicos a exortação "Justiça e Evangelização em Africa": *Seja qual for o regime sob o qual trabalham e vivem os obreiros apostólicos, devem dar testemunho de que Cristo ama os homens e cuida dos mais pobres e mais fracos (N. 30). Devemos tomar consciência da necessidade de nos familiarizarmos com o debate sobre uma nova ordem nas relações entre os povos, quer dizer, nas relações entre estados - relações políticas, económicas, monetárias e culturais, e no campo da informação ... As nossas comunidades não têm o direito de ignorar um debate de tal amplitude que não deixará de afectar a nossa vida e a nossa acção pastoral (32).*

Podemos ainda recordar as declarações pela justiça ou por ocasião de determinadas situações concretas feitas por várias Conferências Episcopais. Citemos a Conferência Episcopal da Africa do Sul, presidida pelo corajoso Mons. Hurley, arcebispo de Durban, que toma posição clara sobre o problema do "Apartheid". Paralelamente, a Conferência Episcopal dos Estados Unidos, com a sua declaração sobre as armas atômicas. E sabe-se igualmente que esta Conferência está preparando uma tomada de posição em relação ao sistema económico capitalista e as consequências da economia das multinacionais.

"Dar testemunho da justiça do Reino"

(Projecto das Novas Constituições, n. 36)

Por problemática de "Justiça e Paz", não se entendem, pois, as obras denominadas correntemente por obras de caridade cristã. Isto não é um juízo de valores, mas simplesmente um delimitar de temas. Nos dois casos se trata de obrigações, mas cada caso é uma realidade fundamentalmente diferente. O trabalho pela "Justiça e Paz" não é qualquer coisa que podemos fazer a par das obrigações ordinárias, como se fosse um ponto a mais na ordem do dia.

O trabalho pela "Justiça e Paz" é:

Um esforço para obter o direito para os sem-direito, uma pátria para os sem-pátria, um trabalho e salário justo para os sem-trabalho, alimento para quem passa fome e sede.

Uma denúncia das estruturas injustas e pecaminosas da sociedade e um esforço para as transformar, em união com todos os homens de boa vontade.

Será um sonho? Uma utopia? Ou simplesmente a Boa Nova de Jesus?

"Justiça e Paz" têm o seu fundamento na mensagem de Jesus sobre o reino de Deus, entendido não como uma realidade do além e espiritual, mas um reino já em realização desde agora: *O Espírito do Senhor repousa em mim, porque me enviou a levar a Boa Nova aos pobres, anunciar a libertação aos cativos, a dar a vista aos cegos, a liberdade aos oprimidos, a proclamar o ano de graça do Senhor* (Lc. 4, .18-19). Esta tarefa apoia-se na fé, na convicção de que os valores evangélicos, os ensinamentos morais de Jesus podem ser realizados na vida da comunidade dos homens, e pode ter um significado em todas as formas de sociedade de todos os tempos.

O lugar desta realização é a comunidade de Jesus. Jesus não escreveu nem deu um curso de doutrina social, mas reuniu à sua volta discípulos numa comunidade, modelo de todas as comunidades futuras. Aí vivem normas de convivência em nítida contradição com as normas do mundo, como se atesta nos Actos dos Apóstolos: v. g. a pobreza (eles venderam todos os seus bens); a supressão de diferenças sociais (Jesus ensina aos discípulos que os primeiros devem servir os outros). Era uma sociedade sem opressão nem violência, como se vê no Sermão da Montanha, e especialmente, quando em face da morte Jesus recusa o recurso à força. A justiça, ao fim e ao cabo, tende à realização desta mensagem:

Dã-nos, Senhor, um coração novo.

A Conversão, presuposto para esta tarefa

1. Precisamos de ter uma visão nova do mundo!

Quem quer que queira trabalhar pela "Justiça e Paz" tem de mudar o olhar com que vê o mundo e as suas situações: os oprimidos e os marginalizados, os prisioneiros e os perseguidos, os cegos e os doentes de hoje. Trata-se da perspectiva de Jesus na sinagoga de Cafarnaum, segundo Lucas, quando, cheio do Espírito Santo, proclamou o mandato recebido do Pai. Mudar o olhar significa: ver

o mundo, reconhecer as necessidades, com os pobres e os oprimidos, com todos os que sofrem a injustiça. Tentar analisar a situação deles do seu ponto de vista, com os olhos deles, porque somente assim será possível reconhecer a actualidade dos valores do reino de Deus e pô-los em prática. Os governos, as empresas industriais, os meios de informação, as organizações financeiras e comerciais, etc., não poderão aceitar esta perspectiva, porque devem seguir as leis do mundo, e valores que não são os valores do reino de Deus! Os seus valores são: poder, interesse, ganho e vantagens!

A nossa tarefa é anunciar o reino de Deus e viver sob a assistência do Espírito Santo. É uma tarefa profética, pois que nos conduz aos oprimidos e marginalizados. Coloca-nos numa situação particular em relação a todo o sistema institucionalizado. Não podemos permitir que nos prendam no seu jogo. Pelo contrário, devemos interpelar a Instituição e convidá-la profeticamente a abrir-se aos valores do reino de Deus.

2. O segundo pressuposto é apenas uma consequência do primeiro, isto é, nós somos obrigados a mudar o nosso ponto de vista, por causa de mensagem de Cristo sobre o Reino de Deus.

Por isso quem quiser trabalhar pela "Justiça e Paz" tem de procurar uma forma nova de refontalização, uma nova maneira de rezar, de meditar... O olhar novo assim como nos dá uma interpretação nova do mundo, dar-nos-á também um modo novo de encontrar e conhecer Deus. Ao lado das relações habituais e individuais com Deus, relações sociais e comunitárias sobem ao primeiro plano. Os conflitos sociais, com os quais os pobres estão em contacto permanente, as experiências concretas de opressão, a impotência face a estruturas sociais esmagadoras, tudo isto se torna objecto de oração. A contemplação não será somente um acto de união pessoal a Deus, mas torna-se uma experiência de Deus através dos pobres e das suas situações de miséria. Torna-se um encontro com o Servo Sofredor de Deus no próximo. Neste contexto, a Bíblia é uma experiência nova e fala-nos do mundo concreto. O apelo de Deus dirige-se ao povo, à comunidade. A caridade, que é o centro da mensagem cristã, não é somente uma bela noção para o indivíduo, mas alarga-se e vale para toda a comunidade, para todo o povo e mesmo para as relações internacionais. Isto deve ser posto no centro da nossa espiritualidade.

Um dia, talvez, virá um confrade inspirado por Deus que mostrará como a intuição de Libermann - "a união prática" - nos ajudará a viver a sério a nossa vocação em situações de injustiça e violência que são cada vez mais o drama, o grito do nosso tempo; para muitos de nós é ainda muito difícil separá-la de todo o contexto de religiosidade francesa do século 19. Seria talvez a pedra preciosa que mereceria que vendessemos tudo o resto para a poder comprar.

3. O terceiro pressuposto será uma nova concepção da nossa vida. Uma nova maneira de ver e uma espiritualidade nova levam necessariamente a uma outra forma de viver e agir. "Os pobres evangelizam-nos". Uma sensibilidade mais fina permitir-nos-á um modo novo de relações com os bens que possuímos e novos modos de os utilizar. Chamamos a isto um estilo de vida mais simples a que já fomos convidados muitas vezes. A mudança do nosso modo de viver pode ser um sinal de renovação verdadeira, mas ficará sempre um sinal exterior, se não for precedido de uma outra mudança: a mudança do coração que nos dirija para os pobres.

Os filhos de Libermann: advogados e defensores dos oprimidos

Somos chamados à conversão. Esta conversão não visa somente o nosso espírito ou uma disposição interior, mas exige, no sentido bíblico da palavra, um retorno, uma "metanoia"; exige uma mudança visível e verificável do nosso comportamento. A Igreja convida-nos a esta conversão que efectivamente é parte do "aggiornamento" querido pelo Vaticano II.

Seria exagero pretender que com este apelo à conversão atingimos o ponto central do nosso carisma? Na sua juventude, Libermann viveu profundamente a experiência do "ghetto". Pertencia a uma minoria no seio da sociedade; e por causa do radicalismo da fé de seu pai, fazia parte ainda de uma minoria no seio da sua raça e dos seus correlegionários. Por isso, Libermann fez muito cedo a experiência de ser um sem-direito, rejeitado e marginalizado. Em Metz, a impressão de ser um apátrida junto ao sentimento de ser abandonado por Deus tornam mais profunda esta experiência. Em tais condições, qual não deveria ser para ele na pobre mansarda de Paris, o significado da descoberta súbita de não ser rejeitado por Deus, da convicção de que Deus o amava e era seu Pai? Deus é seu Pai, como o é de todos os homens. Com esta descoberta, Libermann adquire uma pátria, uma comunidade onde é aceite, onde possui direitos e de que é membro sem reservas. Daí ele aprendeu que o Amor de Deus não implica consequências somente na alma de cada um, mas que é um Amor que transforma e determina concretamente relações com todos os homens. Este Amor, segundo a mensagem de Cristo, dá aos homens: direitos, uma pátria, um trabalho, ... dá-lhes enfim tudo o que exige a dignidade de homens. Porque é a mensagem da universalidade do Amor de Deus e a sua prática que determinam a comunidade de vida dos homens.

Em consequência da sua experiência fundamental, ele poderá dar, mais tarde, este mandato aos seus missionários: *Vós sois os advogados e os defensores dos pobres.* Se lhes levais o Amor do Pai, levai-lhes também uma nova pátria, uma nova comunidade onde terão direitos e onde serão acolhidos e aceites. Porque o Amor do Pai faz mudanças sensíveis na comunidade dos homens.

Este apelo mantém sempre a sua actualidade, porque *a situação do mundo actual é verdadeiramente uma situação de emergência, e esperar pode ser catastrófico* (V. E. 74). É verdadeiramente o Espírito de Deus que nos impulsiona ao compromisso profético em favor da justiça. Este compromisso, vivemo-lo segundo o apelo e a herança de Libermann por toda a parte onde, após um discernimento comunitário, tivermos observado a opressão ou exploração.

A conversão não é resultado de reflexões aprofundadas e longos raciocínios. Não é também consequência de uma discussão tendente a convencer o adversário. A conversão é uma graça, é um dom que nos é concedido quando nos "dirigimos ao deserto", quando "jejuamos e rezamos", quando pedimos com insistência para obter, quando nos abrimos ao Espírito com humildade, quando Lhe permitimos que entre em nós e nos deixamos conduzir por Ele para onde quiser. É agora, no tempo da renovação, quando nos preparamos para re-escrever a nossa regra de vida, que temos necessidade desta abertura ao Espírito, que devemos implorar este Espírito para que nos indique o caminho. Caminho que Ele revelou a Libermann e que queremos redescobrir para nós próprios e para os Espiritanos de amanhã.

Para isto temos necessidade de santos e de profetas:

Quem tem a coragem de sair da fila, de partir para o deserto, para aí ouvir a voz de Deus e para convidar a Igreja e a Congregação a seguir os caminhos de Deus;

Quem não tem medo de ser condenado pelos poderosos deste mundo, como inimigo da nação, como revolucionário, ou até de ser metido em prisões ou condenado à morte;

Quem conserva o ânimo, mesmo se é repreendido, condenado e rejeitado por certas estruturas ou até pelos próprios confrades.

Quem se decide a seguir a Cristo, deve estar preparado para partilhar a Sua sorte.

A EQUIPA GERAL